

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Meire Sabina de Souza Morais

**SAÚDE E EDUCAÇÃO FÍSICA:
UMA REALIDADE NA ESCOLA?**

Inhumas
2013

Meire Sabina de Souza Moraes

**SAÚDE E EDUCAÇÃO FÍSICA:
UMA REALIDADE NA ESCOLA?**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás como requisito para finalização do curso de Licenciatura em Educação Física
Orientador: Professora Mestre Priscilla de Cesaro Antunes.

Inhumas
2013

Meire Sabina de Souza Morais

SAÚDE E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA REALIDADE NA ESCOLA?

Esta monografia foi aprovada em sua forma final

Inhumas, 01 de dezembro de 2013.

Prof. Dr.
Orientador (a)

Este trabalho é dedicado aos meus sobrinhos Gustavo, Guilherme, e meus afilhados Felipe e Manoel Neto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter-me dado forças, competência para seguir na realização de meu sonho maior.

À minha orientadora, professora mestre Priscilla de Cesaro Antunes, pela paciência e compreensão demonstradas a minha pessoa. Pela intenção de orientar-me da melhor maneira possível.

A todos os professores formadores e orientadores acadêmicos que estiveram presentes nesse período: Meu muito obrigada!

Pessoas importantes que participaram de minha vida acadêmica: Lucineide Maria de Lima Pessoni (diretora do Polo-Inhumas), Sheila Rodrigues (tutora), Guilherme Gomes de Oliveira (tutor), Maria Raquel (secretária do Polo-Inhumas) e todos os envolvidos direta ou indiretamente com o polo de apoio que me deram suporte durante esse período.

A todos os meus colegas de turma que sempre quando precisei nos juntávamos para nos ajudar, principalmente, a Tatyana Machado estivemos juntas, desde o primeiro dia de aula, e sempre pronta para auxiliar-me.

Ao meu esposo Kênio e minha mãe Irani que durante todo período acadêmico suportaram meu nervosismo e ansiedade, principalmente, nos últimos dias. Nunca me negaram o apoio naquilo que fosse necessário: compreendiam minhas ausências, muitas negligências em nome e a favor de meus estudos.

Aos meus irmãos queridos, sobrinhos e cunhadas que sempre me apoiaram e tiveram paciência durante os momentos de angústia.

Ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos.
(Paulo Freire, 2001)

RESUMO

O presente estudo pretende discorrer sobre relações da Educação Física com a saúde e como ela pode contribuir na vida, dos estudantes, bem como, o tema é abordado na prática das escolas, a partir de como algumas obras do campo acadêmico o compreende. O trabalho tem como objetivo analisar as diferentes formas no trato com a saúde dentro das aulas de Educação Física, usando da análise de seis artigos dessa disciplina publicados em revistas acadêmicas da Educação Física: *Motriz*, *Movimento* e *Motrivivência*, selecionados por meio de palavras-chave e leitura de títulos e resumos. Foram observadas divergências na produção acadêmica a respeito das concepções de saúde. Para alguns, a saúde vem na forma de aptidão física centrada apenas no biológico e a melhoria do corpo como símbolo de beleza e saúde, para outros, essa questão é de forma mais ampliada resultando em uma saúde que visa o corpo saudável em aspectos relacionando o social, o psicológico e o físico tendo acesso a melhores condições de lazer, transporte, escola, saneamento, alimentação, melhor distribuição de renda, etc. Pôde-se perceber que há ênfase dos autores em dizer que existem condições de ensinar saúde nas escolas através das aulas de Educação Física, mas, para que isso ocorra, é necessário que haja uma reestruturação nos currículos e nas práticas dessa disciplina. Uma conscientização por parte do professor sobre a necessidade de se estar buscando o aperfeiçoamento para ensinar melhor, estar se qualificando para os novos desafios: debater a saúde enquanto um conceito multifatorial, os conteúdos trabalhados estarem chamando a atenção dos alunos para que eles queiram aprender e levarem a educação para a saúde como forma de promoção dela para além dos muros da escola. Em contra partida, verificou-se que ainda há pouca produção sobre o tema nas escolas.

Palavras-chave: Saúde 1; Educação Física 2; Escola 3; Ensino 4.

ABSTRACT

This study aims to discuss the physical education relationship to health and how it can contribute to the life of students as well, the subject is approached in practice schools, from as few works of the academic field understands. The work aims to analyze the different ways in dealing with health within the physical education classes, using the literature expressed in this discipline published six articles in academic journals of physical education: Motive Motion and Motrivivência, selected through keywords and reading titles and abstracts. Differences in academic literature on the concepts of health were observed. For some, health comes in the form of physical fitness focused only on biological and improvement of the body as a symbol of beauty and health, for others, this question is more expanded form resulting in a healthy body healthy aimed at correlating social aspects the psychological and physical having access to improved leisure, transportation, school, sanitation, food, better income distribution, etc. Could be seen that there is an emphasis on the authors say that there are conditions of teaching health in schools through physical education classes, but for this to occur, there must be a restructuring curricula and practices of that discipline. An awareness by the teacher about the need to be seeking improvement to teach better, to be qualifying for new challenges: discuss health while a multifactorial concept, the contents worked are calling the attention of the students so they want to learn and lead to health education as a way of promoting it beyond the school walls. By contrast, it was found there is little literature on the subject in schools.

Keywords: health 1, physical education 2, scholl 3, teaching 4.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO	12
1.1 CONCEPÇÕES DE SAÚDE	12
1.2 RELAÇÕES ENTRE SAÚDE E EDUCAÇÃO FÍSICA	15
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA	26
CAPÍTULO 3 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa demonstrar relação da Educação Física com a saúde e como ela está presente e concebida na área acadêmica e como é também concebida e aplicada nas escolas, e como alguns autores tratam do assunto em seus trabalhos científicos.

Como a área é muito vasta resolveu-se selecionar três revistas da área da Educação Física para embasamento teoricamente, em como a saúde é abordada dentro dos artigos ali expostos.

Durante o caminhar da minha formação acadêmica surgiram inquietações a respeito do assunto: Educação Física e saúde. A universidade da qual participo em busca de uma formação em licenciatura, a todo momento, trata a Educação Física priorizando o lado humano e não apenas o lado biológico, de forma a transformar os alunos das aulas de Educação Física em cidadãos mais críticos, e não ligados somente ao corpo como forma de símbolo ideal ou corpo praticante de esportes de rendimento.

Com a experiência dentro dos meus estágios, pude identificar, que, por mais que alguns professores que acompanhei, tenham recebido formação em licenciatura também, não têm tratado do tema saúde com seus alunos durante suas aulas.

Por muito tempo procurei na área acadêmica trabalhos relacionados ao assunto “saúde e Educação Física escolar” e percebi que é escassa a produção nesse sentido.

Diante dessa minha inquietação, procurei respostas. Esse trabalho reflete parte dela e, tem como objetivo principal analisar diferentes formas do trato com a saúde dentro das aulas de Educação Física escolar, expressas em artigos da Educação Física. E como objetivos específicos: identificar como a produção acadêmica trata do assunto saúde na escola e como as pesquisas apresentam contribuições para refletir sobre o ensino deste tema no ambiente escolar.

Pode-se dizer que há diferentes significados para o conceito de saúde ao longo do tempo, conforme será discutido a seguir, e todos eles se fazem presentes até a atualidade. Há quem defenda a ideia de que estar saudável seria não estar doente, ou estar psicologicamente saudável, ou, ainda que a saúde seja resultado de determinantes sociais.

Hoje, também a Educação vive em tempos de mudanças e, no caso da Educação Física, não só de mudanças, mas também em reconfiguração desde 1980, o que indica que há diferentes formas de se compreender o papel da escola e da Educação Física escolar, o que também será abordado a seguir.

Como se pode observar diferentes conceitos de saúde e se sabe que esta temática pode estar interligada com a prática de atividades físicas/práticas corporais, procurou-se pesquisar dentro da produção acadêmica da Educação Física como esse tema vem sendo trabalhado dentro das escolas, como a saúde é abordada pelos professores da área.

Fica claro que, a maneira como foi utilizada atividade física no parágrafo anterior demonstra a forma de representação de conflito que existe com relação às práticas corporais. Este conflito se expressa mais na área acadêmica, sendo maior dentro do campo da Educação Física. Segundo Silva (2009), os pesquisadores que tem relação de estudos com as ciências humanas e sociais utilizam o termo práticas corporais, e os que dialogam com as ciências biológicas e exatas utilizam o conceito de atividade física.

Lazzarotti Filho et al (2010), diz que a expressão práticas corporais vem sendo mais utilizadas a partir de 1996 e em seu texto cita (onde fez uma análise de artigos teses e dissertações que utilizaram o tema) alguns elementos argumentativos sobre o tema práticas corporais e um deles diz que: práticas corporais “são identificadas como manifestações culturais que enfocam a dimensão corporal, características, segundo os textos analisados, não presente na perspectiva dos pesquisadores que utilizam o conceito de atividade física”. (Lazzarotti Filho et al, 2010, p. 18).

As práticas corporais englobam vários aspectos como: atividades coletivas ou individuais, mas sem uma padronização dos conteúdos. As atividades físicas ficariam com a parte de um movimento corporal com um gasto energético.

E no caso da saúde, existem diferentes formas de se ensinar para que haja assimilação, recriação e a transformação dos assuntos tratados dentro das aulas para a vida dos estudantes fora do ambiente escolar e dentro da sociedade.

Este trabalho faz um mapeamento da temática saúde na Educação Física escolar, dentro de três revistas da Educação Física e relata como os artigos têm diferentes ideias da mesma temática, podendo servir como novas aberturas para mais estudos sobre o problema, e sendo útil também como material de apoio para novos pesquisadores, estudantes e professores da área. Através da leitura e conhecimento do tema ajudará a desmistificar ideias que não cabem dentro da proposta de ensino da Educação Física escolar crítica.

Este texto está organizado em três capítulos. No primeiro, será apresentado o referencial teórico da pesquisa quando serão mostradas, diferentes concepções de saúde, as relações entre saúde e escola enfatizando a área da Educação Física.

No segundo capítulo será demonstrada a metodologia empregada na pesquisa.

No terceiro capítulo, há a apresentação e análise de dados que diferenciam as ideias sobre saúde e como esse tema é tratado do ponto de vista de cada autor escolhido dentro das revistas pesquisadas.

Por fim, serão relatadas as considerações finais e referências.

CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo pretende-se mostrar as diferentes concepções do termo saúde e a forma como ela é tratada na escola e nas aulas de Educação Física escolar. Estes pressupostos são importantes para a compreensão do capítulo seguinte onde serão demonstradas as discussões sobre os textos encontrados, bem como, as ideias dos autores citados.

1.1 CONCEPÇÕES DE SAÚDE

Em geral, quando se fala de saúde, termo muito utilizado no cotidiano por vários seguimentos da sociedade, até pelos mais leigos, é comum ouvir das pessoas ou seguimentos conceitos que acreditam ser verdade sobre o que é saúde verdadeiramente. A saúde, nos diversos conceitos criados pela sociedade, por mais que sejam ideias um pouco diferentes, sempre tem algo em comum, ou seja, a melhora do corpo e da vida dos indivíduos. Sobre esse debate, Carvalho (2001, p. 13) diz:

O conceito de saúde está historicamente associado ao de doença. As concepções e práticas na área da saúde fundamentam seu desenvolvimento nessa relação. O conceito de saúde, ao longo do tempo, significou: ausência de doença (visão simplista), completo bem-estar físico-psíquico-social (visão idealista), estar em um padrão “normal” (normal/patológico, visão relativista), ou ainda disposição de superação das adversidades físicas, psíquicas e sociais (visão subjetivista).

E, logo adiante, Carvalho (2001, p.14) declara:

A saúde resulta de possibilidades, que abrangem as condições de vida, de modo geral, e, em particular, ter acesso a trabalho, serviços de saúde, moradia, alimentação, lazer conquistados – por direito ou por interesse – ao longo da vida. Tem saúde quem tem condições de optar na vida.

O conceito de saúde vem sendo tratado de diferentes formas. As pessoas desejam tê-la para que assim possam alcançar seus objetivos de vida. Para muitos é apenas não estar sentindo nada de errado com o corpo buscando cada dia melhorias para a qualidade de vida. Mas, será que seria somente isso? Saúde estaria ligada somente com o não sentir nada de errado com o corpo ou apenas a ausência de doença?

Para Canguilhem (apud Bagrichevsky, Palma, Estevão, 2003, p.20): “A saúde se caracteriza pela possibilidade de adoecer e se recuperar.” O indivíduo deve estar forte o bastante e ter condições de se tratar através de diferentes meios para que volte a ter saúde. Neste sentido a saúde não é oposta à doença, mas ambas fazem parte do contínuo da vida.

Podemos perceber que esse termo está sendo muito utilizado pelos meios de comunicação e sempre deixando clara a ideia de consumo de produtos que podem trazer um bem-estar físico e mental para os indivíduos. Segundo Neto e Caponi (2007, p. 570):

A sociedade contemporânea assiste deslumbrada à passagem dos "corpos perfeitos", que invadem progressivamente todos os espaços da vida moderna. A expectativa de corpo das pessoas em relação a esses padrões de beleza é o que provavelmente interliga uma variedade de fenômenos cada vez mais comuns, como a maior incidência de bulimia e anorexia, as malhações e as cirurgias plásticas estéticas.

A mídia sempre mostra o corpo ideal como sinônimo de saúde. E para que se tenha essa saúde o indivíduo deve consumir determinados medicamentos, cosméticos, alimentos, produtos da área fitness, entre outras intervenções, a fim de se buscar a perfeição para o duo: corpo e mente. É claro que tudo isso segue os padrões do capitalismo onde tudo é feito em função de benefícios do sistema privado onde o importante é consumir de forma cada vez maior, sem estar preocupado realmente com o bem dos consumidores.

Para Kunz (2007, p. 175),

Implícito ao conceito de movimento humano pela saúde (fatores de risco) ou pela estética (modulagem corporal) existe a ideia de que para valores tão elevados e importantes na vida como ter saúde e beleza corporal é preciso fazer sacrifícios, realizar um esforço incomum para se ter acesso e ser alguém especial. Portanto, vale a pena se esforçar até a exaustão, mesmo que o “corpo” não esteja concordando com isto.

Para a OMS (1946) “saúde é uma situação de bem estar físico, mental e social”, ou seja, não é apenas não ter alguma doença, mas a pessoa deve estar bem com o seu corpo, com o psicológico e também em contato com o lado social e as interações do meio em que vive.

Segundo Segre e Ferraz (1997), essa ideia de saúde vinda da OMS, por mais que, no ano em que foi editada tenha sido algo inovador, avançado para aquele tempo, já está ultrapassado. Suas ideias não contemplam o indivíduo por completo, não existe ninguém que possa estar completamente bem em seu estado físico, psicológico e social ao mesmo tempo.

Por isso, esse conceito tem sido considerado utópico, idealista e, portanto, distante da realidade.

Para Carvalho (2001, p.14):

A saúde não é um objeto, um presente. Portanto, ninguém pode dar saúde: o médico não dá saúde, o profissional de Educação Física não dá saúde, a atividade física não dá saúde. A saúde resulta de possibilidades, que abrangem as condições de vida, de modo geral, e, em particular, ter acesso a trabalho, serviços de saúde, moradia, alimentação, lazer conquistados – por direito ou por interesse – ao longo da vida. Tem saúde quem tem condições de optar na vida. A saúde está diretamente relacionada com as escolhas que não se restringem tão-somente a poder escolher este ou aquele trabalho, realizar-se pessoal e profissionalmente com ele, morar dignamente, comer, relaxar e poder proporcionar condições de vida para os mais próximos, mas também conseguir viver dignamente com base em valores que não predominam em uma sociedade como a brasileira – excludente, individualista, competitiva, consumista. Todos esses são elementos que determinam a nossa saúde que não é só física, mental ou emocional. É tudo junto, ao mesmo tempo! Pensar na saúde do Homem é considerá-lo como ser político – cidadão – e ético – profissional.

Não se pode pensar o ser humano que não seja em sua totalidade. Não tem como estar saudável faltando alimento, moradia e emprego, por exemplo.

Diante dessas constatações percebe-se que a saúde apresenta diferentes formas de entendimento. Para alguns, ela existe vem em forma de perfeição do corpo, corpo saudável, sem nenhuma doença. Para outros, não basta apenas isso, mas ela, para que realmente esteja presente na vida de um indivíduo, o corpo precisa estar bem em todas as formas. É preciso estar bem assistido por todos os setores que possam lhe trazer melhorias a sua vida como transporte, habitação e saúde.

A forma como se compreende a saúde reflete na prática nas aulas de Educação Física escolar. A sociedade vive um momento onde a educação é parte integrante dos importantes setores do país. É pela Educação que se pretende formar cidadãos críticos, capazes de entender o significado da palavra saúde e poder transformar a sua vida, e de outras pessoas, fora do ambiente escolar. Para tanto, será tratado no próximo tópico das relações existentes entre a saúde e escola e os problemas que são pertinentes a essa esfera especificando a disciplina Educação Física.

1.2 RELAÇÕES ENTRE SAÚDE E EDUCAÇÃO FÍSICA

O termo atividade física está sendo muito utilizado atualmente na mídia, nas escolas, nas praças, em propagandas de academias e publicidades em geral e na maioria dos casos não há realmente uma definição do que seria uma atividade física e se ela pode auxiliar no tratamento com o corpo, bem como sua eficácia para se ter um corpo saudável e livre de doenças.

Para Caspersen (apud Araújo e Araújo, 2000, p.194), “atividade física é qualquer movimento corporal produzido pelos músculos esqueléticos que resultem em gasto energético, não se preocupando com a magnitude desse gasto de energia.” Para estes autores uma atividade física nada mais é que qualquer tarefa realizada no dia-a-dia, não sendo assim, necessariamente, um exercício físico capaz de promover ganhos de massa corporal e resistência física. Para esses autores, exercício físico seria um “subgrupo das atividades físicas, ou seja, algo planejado, estruturado e repetitivo tendo como propósito a otimização de condicionamento físico.” (p.195).

Para Miles (apud Santos e Simões, 2012, p. 185):

A atividade física é um comportamento complexo e multidimensional. Muitas formas de atividade contribuem para o total de atividade física, o que inclui atividades ocupacionais, cuidados com a casa, atividades de transporte e atividades realizadas em momentos de lazer.

Segundo Santos e Simões (2012, p. 186):

Além da amplitude do conceito mais adequado para investigar aspectos relacionados à atividade física, é fundamental distingui-los de outras práticas corporais como exercício físico, práticas esportivas, práticas de lazer, atividades domésticas, de trabalho, de transporte e a composição de todas essas atividades.

O conceito de saúde é bem complexo, depende da situação do indivíduo em sua totalidade. A diversidade de ideias do que seria a saúde e como buscá-la é enorme. Daí surgirem os questionamentos: Seria somente através da atividade física? E a desigualdade social, a política, a cultural? Como isto se relaciona com as aulas de educação física?

Segundo Pina (2008, p. 1), deve-se construir uma ligação com os alunos onde os professores vão inserir esse aprendizado nas aulas de Educação Física escolar, na perspectiva da:

[...] necessidade de construir com os alunos um novo entendimento – para além do senso comum – sobre a relação entre saúde e atividade física, foi estabelecida uma unidade didática com o seguinte objetivo geral: “conhecer relações existentes entre exercício físico e saúde, a fim de adquirir uma consciência crítica sobre o tema e assumir um compromisso efetivo com a superação dos problemas sócio- políticos atuais que determinam a obtenção da saúde”.

E para que isso seja modificado, a formação do professor de Educação Física também deve ser diferente.

A produção do conhecimento na área específica tem privilegiado o tema em questão, uma vez que a base da formação do profissional de Educação Física compreende, essencialmente, a dimensão biológica, orgânica na compreensão do Homem e do seu corpo no estudo, na reflexão e também na intervenção. (CARVALHO, 2001, p.11).

Porém:

Se nos fundamentarmos no referencial das ciências humanas para debater a questão da atividade física e saúde o quadro, necessariamente, muda de figura. O sujeito assume o seu posto de centro das atenções – e não somente o “sujeito”– indivíduo, mas o “sujeito” também do ponto de vista coletivo. Assim, ao se propor um programa de atividade física, não poderia ele ser um programa cujo conteúdo priorizasse a relação atividade física e saúde, a atividade física visando à saúde, mas a proposta seria fundamentada na ideia de que é o conhecimento e a experiência do homem com a cultura corporal que possibilitam a ele manifestar-se, expressar-se visando à melhoria de sua saúde. (CARVALHO, 2001, p.11)

Alguns autores defendem a busca pela saúde aliada a um bom começo, ou seja, ter o início dentro das aulas de educação física seria o ideal e, sobretudo, de grande importância para a maior aceitação das aulas de educação física como meio de promoção da saúde.

Conforme afirma Guedes (1999, p.1) existem alguns estudos voltados para o movimento humano que demonstram que algumas doenças crônico-degenerativas, se prevenidas poderiam não existir. Melhor dizendo, alguns tipos de atividades se realizadas com crianças, essas quando adultas poderiam não sofrer alterações em seus organismos no caso da aparição de alguma doença.

Assim a Educação Física escolar teria como finalidade a promoção da saúde dentro da escola, no sentido de fazer com que os alunos se tornassem interessados nas atividades porque sabem dos benefícios que elas podem trazer à sua saúde durante o tempo escolar e depois

dessa fase. Segundo Guedes (1999, p.2), a Educação Física em particular, deve assumir a incumbência de desenvolver programas que levem os educandos a perceberem a importância de se adotar um estilo de vida saudável. As aulas devem ser ministradas com conteúdos que chamem a atenção dos alunos não somente durante aquele momento, mas que eles, ao saírem da escola, possam saber diferenciar o que é melhor para uma vida mais saudável.

Ainda segundo Guedes (1999), os professores devem adotar meios de não deixar que os alunos esqueçam o que foi dito nas aulas, mas que levem para fora dos muros da escola um aprendizado que sejam capazes de criar uma vontade de realizar atividades que os levem a ter uma vida ativa e com mais saúde. Fica exposto em seu trabalho que se preocupa mais com o lado da aptidão física para obtenção da saúde.

Deixar de lado esta proposta de Educação Física escolar com base apenas na aptidão física seria uma das vertentes para o ensino dentro da escola, e conseqüentemente dentro das aulas poderiam ser tratados assuntos relacionados com a melhoria da saúde da população começando pelos alunos e suas famílias onde muitos não têm acesso a informações. Segundo Ferreira (2001, p. 46):

O fato é que vivemos numa sociedade dividida em classes sociais, na qual nem todas as pessoas têm condições econômicas para adotar um estilo de vida ativa e saudável. Há desigualdades estruturais com raízes políticas, econômicas e sociais que dificultam a adoção desses estilos de vida.

Por isso, a importância de se criar, dentro das aulas, abordagens diferentes que levem em consideração as formas de cultura e realidades da sociedade onde estão inseridos os alunos.

Ferreira (2001, p.46) ainda conclui que:

Além disso, a vinculação exclusiva da prática do exercício à ideia de aptidão física permanente, embora seja uma atribuição importante da educação física escolar a ser considerada, não se mostra suficiente para sua relação de compromisso com a saúde. Primeiramente, traduz-se num reducionismo, pois limita a saúde ao campo da aptidão física. Além disso, sugere uma relação de causalidade entre aptidão física e saúde, em que ser fisicamente ativa significaria ser saudável.

Devide (2003, p. 143), fala que:

[...] considero possível e necessário nas aulas de EFE, o desenvolvimento de estilos de vida ativos e permanentes, através de aulas que combatam i) a causalidade entre a prática do exercício e a saúde, ii) a medicalização da saúde, iii) discutam a sua dimensão multifatorial e iv) a educação para a saúde (Mota, 1992), pressupostos desenvolvidos pelo ideário da Promoção da Saúde e pela corrente de Aptidão Física Relacionada a Saúde.

E sobre as abordagens que os professores utilizam, que tipo seria a mais importante?

Para Deive (2003, p. 145):

O professor deve contextualizar os conteúdos da EFE, tornando o grupo crítico frente as suas condições de vida. Ao discutir com eles os diversos fatores relacionados aos exercícios físicos, que influenciam na sua saúde – a falta de espaços públicos para a prática de exercícios, a dificuldade de acesso a lazer, as más condições de trabalho, transporte, educação etc. (Ferreira, 2001) – contribuirá para a desmistificação da relação que vem se reproduzindo entre a área da EF e a saúde, ampliando a relação de compromisso da EFE como veículo de educação para a saúde.

A respeito da Educação Física escolar:

(...) não deve abandonar sua preocupação em subsidiar e encorajar as pessoas a adotarem estilos de vida ativa. Porém, esse papel estará limitado se ela não for capaz de promover o exame crítico dos determinantes sociais, econômicos, políticos e ambientais diretamente relacionados aos seus conteúdos. (FERREIRA, 2001, p. 49-50).

Mas na verdade, isso não é o que acontece. Ainda é comum encontrar professores que apenas rolam bola. Deixam os alunos realizarem as atividades que desejam sem nenhum objetivo previsto. Outra situação muito comum também ainda encontrada, na maioria das vezes dividem as aulas e os meninos jogam futebol e as meninas voleibol. Mas o que isso tem a ver com a saúde?

É comum perceber que uma grande maioria de professores de outras áreas dentro da escola e gestores também pensam que a Educação Física é local dos alunos jogarem bola e extravasarem. Mas, que saúde é essa?

Segundo Saviani (apud Cooper e Sayd, 2006, p.179):

Em 1977, o Conselho Federal de Educação reafirma a posição de que os Programas de Saúde não devem ser encarados como uma matéria ou disciplina, mas como uma ‘preocupação geral do processo formativo,

intrínseca à própria finalidade da escola', devendo ser trabalhados por meio de uma correlação dos diversos componentes curriculares, especialmente Ciências, Estudos Sociais e Educação Física.

Segundo os PCNs, (BRASIL, apud Cooper e Sayd, 2006, p. 186):

Espera-se que os alunos aprendam a lançar mão de conhecimentos de língua portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, etc., na busca de compreensão do assunto e na formulação e proposições para questões reais (...). O tratamento transversal do tema [saúde], deve-se exatamente e ao fato de sua abordagem dar-se no cotidiano da experiência escolar e não no estudo de uma disciplina.

E o que seria responsabilidade da escola?

É responsabilidade da escola também trabalhar com a educação para a saúde? A resposta é simples: queira ou não assumir a tarefa da educação para a saúde a escola está continuamente submetendo os alunos a situações que lhes permitem valorizar conhecimentos, princípios, práticas ou comportamentos saudáveis ou não. Quando não inclui, nas várias áreas do currículo, os diferentes conteúdos relativos ao fenômeno saúde/doença, [...] a escola está optando por um tipo de educação que afasta as crianças e os adolescentes de uma tarefa de cidadania, ou seja, afasta-os da discussão e da prática de ações individuais e coletivas de cuidados em saúde". (BRASIL apud Cooper e Sayd, 2006, p. 192).

De acordo com os PCNs, "entende-se que a saúde se expressa no espaço e tempo de uma vida, pelos meios que cada ser humano dispõe para criar seu próprio trajeto em direção ao bem-estar físico, mental e social." (BRASIL apud Cooper e Sayd 2006, p.189).

Segundo Cooper e Sayd (2006, p.189), "percebe-se nesse trecho o quanto se pretende responsabilizar o aluno pelas suas próprias condições de saúde, apontando para uma trajetória individual, escolhida livremente por cada um".

Uma aula mecânica pode não levar o aluno a pensar, mas reproduzir. Não sabendo assim a importância que tem a realização do movimento para o seu corpo. Esta aula fica apenas como um momento de distração para a turma. As técnicas e táticas são passadas de forma mecânica sem nenhuma reflexão sobre a cultura corporal.

Para o Coletivo de Autores (1992, p. 42), "o aprofundamento sobre a realidade através da problematização de conteúdos desperta no aluno curiosidade e motivação, o que pode

incentivar uma atitude científica”. Portanto, deve-se fazer o aluno pensar no que está realizando e quais os benefícios e malefícios esses movimentos podem trazer ao corpo.

Para que os alunos adotem estilos de vida ativa e tenham autonomia para a prática do exercício, é necessário que outros conteúdos sejam desenvolvidos na educação física escolar. Esse alargamento de conteúdos, no entanto, não significa o abandono nem a negação do desporto, mas sim o seu redimensionamento na esfera da educação física escolar. (FERREIRA, 2001, p.45).

Não basta apenas o professor deixar “rolar a bola”. Seus alunos devem estar cientes do que estão realizando e para que sentido tal atividade servirá. Saber levar para fora da escola o aprendizado que servirá para que o aluno tenha uma melhor qualidade de vida.

Para que os jovens pratiquem desporto e atividade física regularmente não basta que dominem técnicas e regras. É preciso que saibam como realizar tais atividades com segurança e eficiência, ou seja, que tenham a mínima autonomia para praticar essas atividades por conta própria. (FERREIRA, 2001, p. 45).

A promoção da saúde dentro da escola e o papel do professor de Educação Física são muito importantes, pois cabe ao professor trabalhar conteúdos que levem os alunos a pensarem e analisarem o que estão estudando e assim lutar por ações mais voltadas a melhoria da saúde individual e coletiva. É válido também ressaltar que não cabe apenas ao professor o dever de promover a saúde dentro da escola, mas sim, a toda a comunidade escolar começando desde os auxiliares de serviços gerais até chegar ao diretor.

A escola conta com o apoio do governo federal, já em andamento. Em alguns municípios com uma política educacional nas áreas de alfabetização e educação de jovens e adultos, educação ambiental, educação em direitos humanos, educação especial, do campo, escolar indígena, quilombola e educação para as relações étnico-raciais da Secretaria de educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI).

O objetivo da SECADI é contribuir para o desenvolvimento inclusivo dos sistemas de ensino, voltado a valorização das diferenças e da diversidade, a promoção da educação inclusiva, dos direitos humanos e da sustentabilidade sócioambiental visando a efetivação de políticas públicas transversais e Inter setoriais.

O público beneficiário do PSE [Programa Saúde na Escola] são os estudantes da Educação Básica, gestores e profissionais de educação e saúde, comunidade escolar e, de forma mais amplificada, estudantes da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica e da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A Escola é a área institucional privilegiada deste encontro da educação e da saúde: espaço para a convivência social e para o estabelecimento de relações favoráveis à promoção da saúde pelo viés de uma Educação Integral. Para o alcance dos objetivos e sucesso do PSE é de fundamental importância compreender a Educação Integral como um conceito que compreende a proteção, a atenção e o pleno desenvolvimento da comunidade escolar. Na esfera da saúde, as práticas das equipes de Saúde da Família, incluem prevenção, promoção, recuperação e manutenção da saúde dos indivíduos e coletivos humanos. (BRASIL, 2013, p.1).

No caso da Educação Física, cabe a ela ser promotora da saúde dentro da escola visando levar o aluno a aprender sobre o seu corpo e como tratá-lo de forma a respeitar os seus limites e buscar melhorias para uma vida mais saudável, o que inclui considerar a saúde como um direito na dimensão individual e coletiva. E sempre foi assim? Como a Educação Física teve suas mudanças ocorridas durante todos esses anos até chegar aos dias de hoje?

Segundo estudos como de Castellani Filho (1988), Soares (1994) e outros autores, a educação física teve fases marcantes como: a Tendência Higienista, a Tendência Militarista, a Tendência Competitivista e a Tendência Crítica.

A Educação Física em muitos momentos se viu ligada a instituições médicas, sendo esta fase caracterizada por tendência higienista tendo a Educação Física um discurso aliado a uma ideia de saúde física e mental e como afirmou Soares (1994, p.86), “como promotora da saúde, como regeneradora da raça, das virtudes e da moral”.

E foi nessa época que a ginástica toma frente aliada ao ideário higienista. Com a ginástica acreditavam construir anatomicamente os corpos e a busca era pela formação de corpos robustos, produtivos, dóceis e obedientes. Corpos necessários à nova ordem que se instaurava no Brasil, industrializada e capitalista. Também se buscava manter a hegemonia da raça branca. Assim seria a classe dominante. E conseqüentemente assim aumentava um processo de escravização onde a raça branca seria sempre superior à raça negra.

A Tendência Militarista, segundo Soares (1994), visava à formação de indivíduos capazes de suportar o combate e a luta e estarem aptos a atuarem na guerra. Era uma fase de excluir os incapacitados. Essa tendência tinha juntamente com a higienista o ideário de uma Educação Física totalmente prática, voltado para a exercitação corporal e o desenvolvimento de qualidades e capacidades físicas.

Com a importância do esporte de alto nível surge a tendência Competitivista onde as aulas de educação física eram usadas para que se buscassem entre os alunos possíveis atletas de esporte de rendimento visando uma superação individual. As aulas eram voltadas para o

ensino-aprendizagem das técnicas e táticas esportivas e para o desenvolvimento de capacidades e qualidades físico/motoras, geralmente a partir de uma metodologia tecnicista.

A Educação Física precisava de uma mudança e ainda dentro dos anos de 1980 algumas transformações começam a ocorrer. Autores aparecem afirmando-a com uma tendência mais popular e crítica sendo eles: Bracht (1992); Coletivo de Autores (1992); Castellani Filho (1988); Elenor Kunz (1994) entre outros. Nessa perspectiva, o importante não é o aprimoramento físico, mas sim a aprendizagem do aluno quanto à cultura corporal e a importância das práticas.

Para Pina (2008), desde 1970 com o processo de redemocratização da sociedade brasileira inúmeros estudos passaram a questionar o papel da Educação Física com o paradigma da aptidão física onde o intuito seria o de formar cidadãos para as necessidades do modo capitalista. Esse ideário de corpos perfeitos criados e transformados para responder aos anseios das classes dominantes começaria a cair desde então.

Segundo Soares et al., (apud Pina 2008), em 1990 fixa-se um marco onde um grupo chamado Coletivo de Autores lança um livro com o título: Metodologia do Ensino de Educação Física. Essa obra que foi, e é de grande importância, questiona a ideia de aulas com métodos praticados em busca de aptidão física e propõe novas ações.

Para o Coletivo de autores (1992, p. 63):

Tratar dos grandes problemas sócio-políticos atuais não significa um ato de doutrinação. Não é isso que estamos propondo. Defendemos para a escola uma proposta clara de conteúdos do ponto de vista da classe trabalhadora, conteúdo este que viabilize a leitura da realidade estabelecendo laços concretos com projetos políticos de mudanças sociais.

E ainda afirma:

A escola, na perspectiva de uma pedagogia crítica superadora aqui defendida, deve fazer uma seleção dos conteúdos da Educação Física. Essa seleção e organização de conteúdos exige coerência com o objetivo de promover a leitura da realidade. Para que isso ocorra, devemos analisar a origem do conteúdo e conhecer o que determinou a necessidade de seu ensino. Outro aspecto a considerar na seleção de conteúdos é a realidade material da escola, uma vez que a apropriação do conhecimento da Educação Física supõe a adequação de instrumentos teóricos e práticos, sendo que algumas habilidades corporais exigem, ainda, materiais específicos. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.43).

Neste sentido, pode-se mencionar a relação da Educação Física com a pedagogia Histórico-crítica que é um marco para a educação brasileira e base teórica para o Coletivo de Autores. Segundo Gasparin e Petenucci (s/d, p.4):

Esta concepção nasceu das necessidades postas pela prática de muitos educadores, pois as pedagogias tradicionais, nova e tecnicista não apresentavam características historicizadoras; faltava-lhes a consciência dos condicionantes histórico sociais da educação (SAVIANI, 2007). Portanto, é na realidade escolar que se enraíza essa proposta pedagógica (...) Esta é uma teoria de grande relevância para a educação brasileira, pois evidencia um método diferenciado de trabalho, especificando-se por passos que são imprescindíveis para o desenvolvimento do educando (Primeiro passo: Prática Social; Segundo passo: Problematização; Terceiro passo: Instrumentalização; Quarto passo: Catarse; Quinto passo: Prática Social).

Sendo assim, o aluno traz a realidade vivida para dentro da escola, leva para o professor trabalhar o tema dentro de uma problematização. Em seguida, em trabalho conjunto chega-se mais resultados sobre o assunto para os alunos e assim ele pode refletir e transformar o aprendizado recebido e, de volta ao mundo, saber conviver com a realidade e incorporar o aprendizado dentro do seu meio.

Os autores ainda afirmam sobre essa teoria que:

Seu método de ensino visa estimular a atividade e a iniciativa do professor; favorecer o diálogo dos alunos entre si e com o professor, sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levar em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e gradação para efeitos do processo de transmissão assimilação dos conteúdos cognitivos. (GASPARIN E PETENUCCI, s/d, p.4).

E no caso da saúde, existem diferentes formas de se ensinar para que haja assimilação, recriação, e a transformação dos assuntos tratados dentro das aulas para a vida deles fora do ambiente escolar e dentro da sociedade.

Seguindo pelo raciocínio de Gasparin e Petennuci (s/d), dentro da prática social o aluno aprende como é a saúde dentro dos dizeres da sociedade, em casa com a família e amigos e traz suas dúvidas para dentro da escola. Ou seja,

Os alunos quando questionados sobre o que gostariam de saber a mais, manifestaram-se com entusiasmo, interesse, surpresa, pois nunca imaginaram que suas curiosidades fossem importantes no início do

conteúdo, estes participaram ativamente fazendo perguntas e questionando. (GASPARIN E PETENUCCI, s/d, p.13).

Após esse processo, passa-se para a problematização onde, segundo Gasparin e Petenucci (s/d, p.13), nessa fase cabem “trabalhar com as dimensões do conteúdo permitindo uma análise mais abrangente das especificidades envolvida no conteúdo”.

De acordo com Gasparin (apud Pina, 2008, p. 163):

A instrumentalização é o caminho através do qual o conteúdo sistematizado é posto à disposição dos alunos para que o assimilem, o recriem e, ao incorporá-lo, transformem-no em instrumento cultural para transformação da realidade.

Seria tudo isso como um método de catarse que segundo Saviani (apud Pina 2008, p.164), “consiste em um momento de expressão elaborada da nova forma de entendimento da prática social a que ascendeu.” Seria uma forma de aprender e transformar o que foi apreendido em uma ferramenta para transformação social.

Uma prática social final para Gasparin e Petenucci (s/d, p.14) significa que “os alunos demonstraram iniciativa em pôr em prática os novos conhecimentos, comprometeram-se em colocar em prática no seu cotidiano os novos conhecimentos adquiridos”.

O ser humano precisa de realidades vividas através da história e o porquê de realizar as atividades. Para Saviani (2011, p. 80):

Sabe-se que o que caracteriza o homem é o fato de ele necessitar continuamente produzir a sua existência. Em outros termos, o homem é um ser natural peculiar, distinto dos demais seres naturais, pelo seguinte: enquanto estes em geral – os animais inclusive – adaptam-se à natureza e, portanto, têm já garantidas, pela própria natureza, suas condições de existência, o homem precisa adaptar a natureza a si, ajustando-a, segundo as suas necessidades. Essa é a marca distintiva do homem, que surge no universo, no momento em que um ser natural se destaca da natureza, entra em contradição com ela e, para continuar existindo, precisa transformá-la.

E, é transformando que o ser humano é transformado, assim se dentro da escola ele aprender a cuidar da saúde, pode levar os ensinamentos para o mundo lá fora e assim transformar a realidade da família e da sociedade. Seria de uma ideia micro para macro ele aprendendo dentro das aulas e levando para fora.

Com o novo ideário visando à formação do indivíduo mais consciente, crítico e conhecedor da realidade onde vive, e conseqüentemente com os novos conteúdos como no

caso da dança, o esporte, a luta, o jogo e a ginástica ficam claro que os conteúdos podem ser trabalhados buscando o aprendizado com a saúde e não somente a prática do esporte levando o aluno a uma compreensão mais ampla das relações entre Educação Física, saúde e sociedade.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa apresenta caráter teórico e qualitativo: teórico porque apoia no ponto de vista de outros autores e, qualitativo, uma vez que “considera os instrumentos, os dados e a análise numa relação interior com o pesquisador, e as contradições como a própria essência dos problemas reais” (Minayo apud Minayo e Sanches, 1993, p. 245). Tem por base artigos de revistas da área acadêmica que tratam do assunto da saúde dentro das aulas de Educação Física escolar.

Foram analisados artigos científicos publicados em revistas do campo da Educação Física. As revistas pesquisadas foram: *Motriz*, *Movimento* e *Motrivivência*. As três foram selecionadas intencionalmente dentro da lista de revistas da área da Educação Física reconhecidas pela CAPES, por publicarem artigos pautados nas relações entre Educação Física e as Ciências Humanas e Sociais. Por este motivo, acreditou-se que haveria maior probabilidade de publicarem textos sobre saúde e escola na perspectiva crítica, conforme se defende nesta pesquisa.

Foram selecionados artigos que abordaram o tema saúde tratado na escola. A seleção foi feita por meio de busca pelas palavras-chave: “saúde” e “escola” no sistema de busca de cada revista.

Ao serem utilizadas as palavras-chave, na página inicial das revistas, os resultados demonstraram um total de 705 artigos onde seis deles tratavam da temática da saúde dentro da escola. Esses seis artigos foram selecionados por tratarem especificamente sobre o assunto pretendido nessa monografia. Isto foi identificado pela leitura inicial dos títulos e resumos dos textos.

Após a seleção, estes foram lidos na íntegra e analisados. Buscou-se identificar as diferentes abordagens do tema saúde na escola, as concepções de saúde e elementos sobre o ensino dela na escola, de modo a responder aos objetivos desta pesquisa.

Também se buscou coletar dados de identificação e características de cada estudo, como título, autor, ano e revista de publicação, resumo, palavras-chave, objetivos do estudo e metodologia. Os dados coletados foram organizados de forma sistemática em planilhas Excel para análise dos conteúdos.

Os resultados foram apresentados de forma predominantemente descritiva e buscou-se realizar algumas análises sobre as concepções de saúde e suas relações com a Educação Física escolar, conforme está expresso a seguir, no capítulo 3.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A tabela abaixo apresenta o número total de artigos publicados nas revistas analisadas, o número de artigos encontrados com a temática saúde e escola e o período em que foram publicados.

Tabela 1 – Número de artigos publicados (AP), número de artigos sobre saúde e escola (ASE) e período de publicação.

Nome do periódico	AP	ASE	Período
Revista Motrivivência	73	1	2011
Revista Motriz	320	2	1999-2009
Revista Movimento	239	3	1996-2011
TOTAL	705	6	1996-2011

A produção encontrada nas três revistas é recente e representou uma mínima parte dentro dos artigos relacionados com as palavras-chave da pesquisa o que indica que a temática da saúde na Educação Física escolar foi pouco abordada nos periódicos científicos.

A princípio, serão apresentados os objetivos a que se propuseram os artigos analisados. Além disso, no caso das pesquisas de campo, serão demonstrados os principais resultados encontrados em seus textos.

No caso dos ensaios teóricos, buscar-se-á destacar as principais reflexões desenvolvidas pelo(s) autor (es) no que diz respeito aos interesses desse trabalho.

Dos textos encontrados, três deles realizaram um ensaio teórico e três foram pesquisa de campo realizadas com alunos e professores. A tabela a seguir demonstra os artigos e os tipos de metodologia adotada para a pesquisa.

Tabela 2 – Autor do texto (AT), Ensaio teórico (ET), pesquisa de campo (PC), ano de publicação (AP).

AT	ET	PC	AP
Dartagnan Pinto Guedes	X		1999
Rudney da Silva, Paola Belleza Maciel		X	2009
Fabiano Pries Devide	X		1996
Deborah Lupton		X	2003
Silvane Fensterseifer Isse		X	2011
Ricardo William Muotri, Antonio Carlos Simões	X		2011

Silva e Maciel (2009), no artigo “Características da Educação Física do Ensino Médio Noturno”, destacam como objetivos a “análise das características da educação física desenvolvida no ensino Médio noturno da rede pública estadual de ensino de Florianópolis – SC”. A partir do contexto apresentado, o estudo apresenta ainda como objetivos específicos “verificar a formação dos docentes pesquisados; analisar as condições socioeconômicas dos alunos investigados; investigar os elementos metodológicos da Educação Física; averiguar a percepção docente e discente sobre os aspectos desenvolvidos na Educação Física; e analisar a implantação e desenvolvimento da educação física no período noturno”. (SILVA E MACIEL, 2009, p.247).

O texto citado acima, clarifica que nas pesquisas realizadas com os professores, eles dizem utilizar nas aulas de Educação Física uma abordagem voltada para a promoção da saúde. Os autores puderam constatar que:

Apesar de terem sido constadas controvérsias entre as percepções docentes e discentes sobre os aspectos pedagógicos, fisiológicos e principalmente psicológicos, é possível sugerir que a Educação Física oferecida no Ensino Médio noturno tem conseguido abordá-los de forma suficiente, o que pode ser comprovado pela quantidade de aspectos apontados e pelas orientações dos resultados verbais. (SILVA E MACIEL, 2009, p.254).

Devide (1996), no texto “Educação Física e Saúde: em busca de uma reorientação para a sua práxis”, coloca como objetivos: “Contribuir no sentido de posicionar a Educação Física como veículo da promoção da saúde, mediada por uma visão contemporânea da saúde e de sua relação com o exercício possibilitando uma atuação mais significativa do professor de educação física enquanto educador perante a questão da saúde dos seus alunos e de sua comunidade”. (DEVIDE, 1996, p. 44).

Como resultado de seu trabalho e pesquisa diz que “o entendimento que os professores de Educação Física têm a respeito do exercício, da saúde e da sua relação com a profissão fundamenta, em última análise, seu trabalho profissional.” (DEVIDE, 1996, p.52). Afirma que o professor deve estar atento aos problemas que podem ocorrer no ensino da saúde na educação. E afirma:

Enquanto educador, o professor de Educação Física deve estar atualizado ao conceito multifatorial da saúde, para que, munido de instrumentação teórica consistente, tenha condições de discutir e ampliar a relação de compromisso da Educação Física para além da esfera da aptidão física. A partir dessa reorientação paradigmática, ele poderá fazer com que a Educação Física escolar defina o seu papel em relação à saúde, justificando a sua relação histórica. (DEVIDE, 1996, p. 52).

“Em outro artigo de título “Desenvolvendo-me por inteiro”: cidadania, neoliberalismo e saúde contemporânea no currículo de Educação Física” (2003), a autora Lupton, destaca como objetivos: “identificar discursos dominantes inerentes a um currículo específico de Educação Física em Saúde; investigar como esses discursos se formam e são formados por este currículo; bem como identificar e investigar, nos modos pelos quais professores e professoras programam esses currículos, instâncias de produção, reprodução e negociação (ou resistência) em relação a esses discursos. Concentrando-se no currículo do Departamento de Estudos de Victoria, especificamente nas "áreas fundamentais do ensino" da Educação Física em Saúde, o estudo incluiu a análise de diretrizes políticas relevantes e de materiais textuais didáticos normativos individuais, observações não estruturadas de aulas de Educação Física em Saúde, assim como entrevistas com o corpo docente e discente em três locais de Victoria”. (LUPTON, 2003, p. 15).

Lupton (2003, p.26) traz como principais resultados a realidade do novo currículo introduzido nas escolas da pesquisa e diz que o novo currículo “incorpora tanto ideias mais clássicas a respeito de "uma mente sã em um corpo sã", quanto o humanismo centrado na criança, surgido no currículo de Educação Física em décadas mais recentes”.

Continua dizendo que esse tipo de “currículo de Educação Física em Saúde é dirigido à promoção do "eu por inteiro", e isso inclui o uso de discursos a respeito da importância da consciência e controle emocionais, e de atributos tais como a autoestima.” (LUPTON, 2003, p. 27). Com isso o cidadão passa a ser mais “participativo, autônomo, autocognoscente”.

O currículo representa tais objetivos como não problemáticos e garantidos. Na prática diária dos professores, entretanto, o alcançá-los não é uma tarefa tão fácil quanto o documento sugere. A maioria dos professores entrevistados no estudo relatou preocupações e objetivos semelhantes àqueles explicitados no currículo, evidenciando certa tensão entre seus ideais e a prática. (LUPTON, 2003, p. 27).

Isse (2011), no artigo “Aula de Educação Física não é lugar de estudar o corpo!?” retrata os seguintes objetivos: “Compreender as representações de feminilidade de meninas adolescentes e de que forma essas representações se associam ao corpo e às aulas de Educação Física”. (ISSE, 2011, p. 226). E como resultado diz que “apesar de reconhecermos socialmente que o corpo é tema da Educação Física, a realidade mostra que o debate sobre o corpo ainda é um tema incomum na Educação Física escolar”. (ISSE, 2011, p. 232).

A problematização sobre o corpo também é algo que traz indagações, pois “ainda não foi reconhecida como algo visceral para as aulas de Educação Física na escola”. Ensinar apenas esportes e jogos ainda são, frequentemente, o limite do seu papel. (ISSE, 2011, p 232-233).

E afirma que se pode mudar a forma de trabalhar realizando questionamentos com perguntas do tipo:

Por que e de que forma tantos corpos, gestualidades e desejos são silenciados ou submetidos nas aulas de Educação Física? Como pode ser que os estudantes sequer percebem que estão estudando o corpo? Quais e por que algumas perguntas não são feitas a respeito do corpo ou não são ouvidas nos espaços escolares? Por que não perguntamos ou ouvimos o que nossos estudantes pensam sobre seus corpos e os corpos dos outros? Por que não confrontamos essas ideias com as representações de corpo que são apresentadas nas mídias? (ISSE, 2011, p. 234).

Este texto fala sobre corpos e sobre o que se aprendem nas aulas de Educação Física sobre o corpo e suas sensações. E sobre os assuntos tratados nas aulas pesquisadas deixa claro:

A subjetividade dos corpos parece não ser temática das aulas de educação física, não faz parte do programa. O não pensar sobre os corpos, suas sensações, alegrias, esforços, desprazeres, possibilidades e dificuldades, utilizando a prática mecânica e reprodutora de exercícios ou gestos esportivos como elemento central das aulas, têm ensinado às alunas que a aula de educação física é para praticar exercícios físicos e/ou jogar, não para conhecer, refletir, trocar, interagir ou questionar a respeito do próprio corpo e dos corpos dos outros. (ISSE, 2011, p. 232).

Sobre o ensino da saúde, Isse (2011, p. 228) declara que “a ideia de corpo saudável era fortemente associada pelas meninas à ausência de doenças ou mal-estar”. O conceito ampliado de saúde parece não ter batido à porta da escola, ou a escola não o deixou entrar.

Nas pesquisas também descobriu-se que:

A crença de que o autocontrole, as restrições e a força de vontade pessoal são caminhos diretos para a boa saúde era incorporada pelas meninas, ou seja, a ideia de que não é saudável quem não quer constituía-se numa verdade para muitas delas. (ISSE, 2011 p.228).

Muotri e Simões (2011) com o trabalho “Homem na Sociedade das Doenças ou as Doenças na Sociedade do Homem? Qual o Papel da Educação Física neste Aspecto?” além de ter o tema do seu trabalho como pergunta, tem como objetivos responder: 1. O homem está ficando mais doente por uma seleção, “de imposição natural”? 2. Ou a sociedade em que vivemos está doente, pela perda de valores morais e éticos, que leva ao homem um desequilíbrio orgânico? Visando despertar o profissional de educação física para sua responsabilidade social como professor. (MUOTRI e SIMÕES, 2011, p. 123).

Para os autores Muotri e Simões (2011, p. 132), a “função de educadores vem se tornando cada vez mais responsável pela plenitude cultural de toda uma sociedade devastada pelo ódio, pela raiva, pelo egoísmo, pelo desrespeito ao próximo, etc.”.

Guedes (1999), no texto: “Educação para a saúde mediante programas de Educação Física Escolar”, busca fazer uma discussão sobre a importância do ensino da saúde nas aulas de Educação Física no ambiente escolar a partir da proposta de programas.

Pelas suas características, o envolvimento da prática de atividades competitivas como fator motivacional na tentativa de evidenciar determinados valores pessoais, vem, na realidade, resultando no afastamento da maioria das crianças e jovens dos programas de educação física, e, por sua vez, estimulando atitudes negativas quanto à prática da atividade física. Inegavelmente, o esporte tem sua função e sua prática deve ser assegurada no meio escolar; contudo, ao admitir que uma das principais metas da

educação física escolar é promover um estilo de vida ativo, procurando melhorar o nível de qualidade de vida de nossa população, a inadequada utilização do esporte nos programas pode atuar de forma inversa. (GUEDES, 1999, p. 14).

Por meio deste panorama inicial, pôde-se observar que os artigos, de maneira geral, se dedicaram a: discutir concepções de saúde/doença, debater propostas de ensino da temática da saúde na Educação Física escolar e currículo, e compreender representações de corpo e Educação Física.

Estes temas podem ser também observados na identificação das palavras-chave de cada artigo. Entre os seis textos analisados, dois deles não possuíam palavras chave e dos outros cinco textos, as mesmas variaram, conforme a tabela abaixo:

Tabela 3 – Palavras-chave e em quantos textos estas aparecem.

Palavra chave	Número
Educação Física	4
Promoção da Saúde	1
Proposta Curricular	1
Ensino Médio	1
Ensino Noturno	1
Educação em Saúde	1
Currículo e Nova Saúde Pública	1
Corpo	1
Educação Física Escolar	1
Lazer	1

Nesta etapa da pesquisa, far-se-á uma análise das concepções de saúde abordadas nos artigos selecionados e as suas relações com a escola e a Educação Física.

Em quatro textos é possível visualizar as concepções de saúde mais claramente.

No artigo de Guedes (1999), aparece uma concepção da saúde que foi colocada em um

documento produzido na Conferência Internacional sobre Exercício, Aptidão e Saúde, realizada no Canadá em 1988, onde “procurou definir saúde como condição humana com dimensões física, social e psicológica, caracterizada por um contínuo com polos positivos e negativos”. (GUEDES, 1999, p. 11).

Devide (1996, p. 47) relata a questão da concepção da saúde mostrada pela OMS onde com o passar dos anos “a saúde passou a ser considerada como um completo bem estar físico, mental e social” e questiona os textos que parecem “entender saúde e aptidão física como sinônimos”. O autor dialoga com Harris (apud Devide, 1996, p. 47), para o qual a saúde não é uma condição estática, existente somente devido à ausência de doenças, mas sim um processo de aprendizagem, tomada de decisão e ação para otimização do bem-estar próprio.

No texto de Isse (2011), a concepção de saúde aparece dentro de sua pesquisa sobre os corpos e o que as alunas participantes da pesquisa acreditavam ser saúde. Segundo Isse (2011, p. 228), “a ideia de corpo saudável era fortemente associada pelas meninas à ausência de doenças ou mal-estar”. Lupton (apud Isse 2011, p.: 228) afirma:

Os imperativos de saúde, amplamente divulgados culturalmente (o que comer, quanto comer, quando comer, o que não comer, como se exercitar, com que frequência, com que intensidade, tomando quais cuidados, qual o melhor exercício físico, quais os cuidados para a prevenção da gravidez e de doenças sexualmente transmissíveis, etc.) eram frequentemente mencionados como aprendizagens obtidas a respeito do corpo, na escola ou fora dela. Valorização de um corpo disciplinado e bem comportado.

O texto de Lupton (2003), deixa claro a estrutura do documento *Curriculum Standards Framework* (Estrutura Curricular e Normativa - ECN) do Departamento de Estudos de *Victoria* sobre a importância de "assuntos distintos, mas relacionados" como elemento fundamental no ensino da Educação Física em Saúde. (2003, p 16).

Para o ECN, “o conceito de "saúde" não está apenas concentrado no corpo, mas também a identidade individual, ambientes físicos e culturais; relações políticas e sociais”. (Lupton, 2003, p. 17).

Entretanto, permanece no ECN um forte enfoque no desenvolvimento de habilidades físicas, ou como o documento coloca, "os princípios biomecânicos e fisiológicos do movimento, que são à base dos padrões de movimentos altamente coordenados, necessários para o desempenho eficaz". Board of Studies (apud Lupton 2003, p. 17).

E ainda:

O ECN também presume que os estados de saúde são gerenciáveis pelo próprio indivíduo, e que é sua responsabilidade alcançar, proteger e preservar a boa saúde e evitar a doença. Isso contribui para o mais amplo objetivo da promoção de saúde contemporânea, que busca enfatizar a responsabilidade pessoal pelos estados de saúde e representar o sujeito "racional" como aquele que valoriza a boa saúde acima de tudo. (LUPTON, PETERSEN, apud LUPTON 2003, p. 18).

Relata ainda que “a representação de saúde no documento está muito ligada a uma noção psicossomática ou "holística" que interliga emoção, espiritualidade e identidade pessoal com características físicas”. (Lupton, 2003 p. 19). Sendo que:

[...] incorpora, claramente, elementos da "nova saúde pública" ao enfatizar o "holismo", responsabilidade individual com a saúde ambiental e a importância do contexto local, social e do ambiente físico como elementos que contribuem para os estados de saúde individuais. (LUPTON, 2003, p. 20).

Com as explicações sobre as concepções de saúde encontradas nos textos podemos perceber que há de certa forma, uma concepção de saúde ampliada preocupada com o corpo como um todo e com a dimensão social do sujeito enquanto ser ativo e crítico.

Pode-se observar, de maneira geral, que os autores questionam as concepções reducionistas de saúde e a individualização/culpabilização exclusiva dos sujeitos pela sua condição de saúde/doença.

Entre as análises dos textos pode-se perceber grande quantidade de falas sobre escola e a Educação Física escolar onde pode-se perceber diferentes conceitos quanto às aulas de Educação Física e a escola e a forma como os professores lidam com o assunto da saúde a ser abordado nelas.

Sobre as aulas de Educação Física escolar e as formas do ensino da saúde pelos professores da pesquisa que realizaram, Silva e Maciel (2009, p. 250) relatam que:

A abordagem da “Atividade Física para a Promoção da Saúde” foi apontada pelos professores como a mais utilizada (n=05). A “Abordagem Humanista” também é utilizada por cinco professores, enquanto que a “Abordagem Tradicional ou Tecnicista” aparece em seguida, sendo utilizada por quatro professores. As abordagens “Construtivista”, “Sociocultural” são utilizadas, respectivamente, por um professor cada uma.

Ficou claro também que “a “abordagem da Atividade Física para a Promoção da Saúde” e a “abordagem Humanista” são as perspectivas pedagógicas mais usadas”. (SILVA E MACIEL, 2009, p. 254).

Portanto, pode-se sugerir que as estratégias, técnicas e abordagens de ensino adotadas caracterizam-se por condutas de ensino intermediárias, pois a maioria docente não apresenta nem condutas totalmente diretivas, nem condutas totalmente autonômicas, demonstrando compatibilidade entre os elementos pedagógicos imbricados. (SILVA E MACIEL, 2009, p.254).

Para Muotri e Simões (2011, p. 130), “educar compreende acionar os meios intelectuais de cada educando para que ele seja capaz de assumir o pleno uso de suas potencialidades físicas, intelectuais e morais para conduzir a continuidade de sua própria formação”. Para eles, isso faz com que o aluno se torne independente das pessoas que os ensina.

Já para Isse (2011, p. 232) “a subjetividade dos corpos parece não ser temática das aulas de Educação Física, não faz parte do programa”.

O não pensar sobre os corpos, suas sensações, alegrias, esforços, desprazeres, possibilidades e dificuldades, utilizando a prática mecânica e reprodutora de exercícios ou gestos esportivos como elemento central das aulas, têm ensinado às alunas que a aula de educação física é para praticar exercícios físicos e/ou jogar, não para conhecer, refletir, trocar, interagir ou questionar a respeito do próprio corpo e dos corpos dos outros. (ISSE, 2011, p. 232).

Mas, para essa mesma autora, “a problematização do corpo ainda não foi reconhecida como algo visceral para as aulas de Educação Física na escola. Ensinar apenas esportes e jogos ainda são frequentemente, o limite do seu papel”. (Lupton, 2011, p. 232).

Diante das tendências da Educação Física durante o período histórico da área, falando da tendência médica, a militar, a biopsicossocial e a esportiva, Guedes (1999, p. 12) aponta que:

[...] percebe-se que da tendência médica até a esportiva, a educação para a saúde nunca foi levada em conta como objetivo perseguido de forma sistemática e efetiva. É bem verdade que os pressupostos teóricos que nortearam cada tendência procuravam reconhecer a existência de objetivos voltados à saúde; porém, na prática, isso não se manifestava.

Para Ghiraldelli Júnior (apud Devide 1996, p. 1), “a Educação Física, em todas as suas tendências, é encarada como atividade capaz de assegurar a aquisição e a manutenção do *status* de saúde individual”.

O artigo de Guedes (1999) corrobora com o entendimento da saúde enquanto um fenômeno individual. O autor defende que o papel da Educação Física na escola é contribuir para que os alunos assumam um estilo de vida ativo, no sentido de formar uma população adulta saudável.

Provavelmente, a falta de fundamentação mais consistente quanto aos princípios teóricos relacionados à atividade física, à aptidão física e à saúde tem levado os jovens, e a sociedade em geral, a um nível de desinformação desencadeando falta de interesse pela prática de atividade física relacionada à saúde. Dessa forma, ao aceitar a premissa de que o desenvolvimento de atitudes positivas em relação à atividade física relacionada à saúde, durante os anos de escolarização, é importante requisito para participação voluntária mais efetiva na idade adulta, torna-se imperativo a adoção de estratégias de ensino que contemplem não apenas o aspecto prático, mas, sobretudo a abordagem de conceitos e princípios teóricos que proporcione subsídios aos educandos no sentido de adotarem hábitos saudáveis de prática da atividade física por toda a vida. (GUEDES, 1999, p. 14).

Algum tempo depois essa modificação pode ser verificada segundo Guedes (1999, p. 13) onde “tudo leva a crer que as perspectivas de desenvolvimento dos programas de Educação Física escolar nos anos 2000, necessariamente deverão refletir com base em uma nova tendência: a da educação para a saúde”. Deixa claro que os programas “deverão preparar seus alunos para um estilo de vida permanentemente ativo, em que as atividades físicas relacionadas com a saúde passam a fazer parte integrante do seu cotidiano ao longo de toda a vida”. (GUEDES, 199, p. 13).

E para os professores, o que seria necessário para a explanação correta desses conceitos?

A função proposta aos professores de educação física é a de incorporarem nova postura frente à estrutura educacional, procurando adotar em suas aulas, não mais uma visão de exclusividade à prática de atividades esportivas e recreativas, mas, fundamentalmente, alcançarem metas voltadas à educação para a saúde, mediante seleção, organização e desenvolvimento de experiências que possam propiciar aos educandos não apenas situações que os tornem crianças e jovens ativos fisicamente, mas, sobretudo, que os conduzam a optarem por um estilo de vida saudável ao longo de toda a vida. (GUEDES, 1999, p.11).

Apesar dos estudos de Guedes (1999) serem considerados um avanço diante das pedagogias não críticas da Educação Física, incorrem no entendimento da saúde como responsabilidade individual, como se cada pessoa pudesse escolher o estilo de vida que gostaria de ter, e na relação equivocada de que apenas a atividade física é suficiente para se ter saúde.

Carvalho (2001, p. 11) faz uma crítica ao estilo de vida ativo diante da sociedade injusta e desigual em que se vive; a culpabilização da vítima e a causalidade direta de que atividade física é igual à saúde:

De fato, na dimensão teórica, analítica, o indivíduo, ou ainda o grupo estão sempre implícitos, ou são pressupostos. Eles nunca aparecem em primeiro plano. Muitas vezes são achados, encontrados no item “método”, no subitem “amostra”, onde estão caracterizados. Mas, ainda assim, considerando as variáveis que dão corpo ao sujeito – idade, sedentários, atletas, sadios etc. – fica mais fácil aproximá-lo de um boneco que de um Homem. Na dimensão da ação o mesmo se repete. Há um projeto, um programa de atividade física voltada para a saúde, mas a pessoa é detalhe. O sujeito da frase é sempre a associação saúde e atividade física, nunca quem pratica a ação, quem determina a ação e quem, portanto, justifica a afirmação. A pessoa, o ser humano, na quadra, na academia, no clube, na praça, ou ainda na rua é caracterizada, classificado visando situá-lo nesse ou naquele perfil de aluno, de cliente, ou de grupo, mas muito distante da imagem de um ser humano – de carne, osso, cabeça e coração.

E ainda conclui:

Se nos fundamentarmos no referencial das ciências humanas para debater a questão da atividade física e saúde o quadro, necessariamente, muda de figura. O sujeito assume o seu posto de centro das atenções – e não somente o “sujeito” – indivíduo, mas o “sujeito” também do ponto de vista coletivo. Assim, ao se propor um programa de atividade física, não poderia ele ser um programa cujo conteúdo priorizasse a relação atividade física e saúde, a atividade física visando à saúde, mas a proposta seria fundamentada na ideia de que é o conhecimento e a experiência do homem com a cultura corporal que possibilitam a ele manifestar-se, expressar-se visando à melhoria de sua saúde. Não podemos esquecer que a saúde como conceito também estaria fundamentada nas ciências humanas e sociais. Desloca-se a ideia da saúde centrada no organismo, no físico, no biológico para a saúde como processo e resultado das opções na vida, opções essas relativas ao trabalho, à moradia, ao lazer, mas especialmente nos valores e princípios de vida que se quer, que se acredita ser a melhor. Entretanto, a mudança de enfoque não é tão simples e imediata como parece, à primeira vista. Deslocar o “sujeito” de uma posição secundária para situá-lo em primeiro plano é rever as bases de sustentação que justificam e muitas vezes tentam explicar os motivos pelos quais esse mesmo “sujeito” está o tempo todo submisso, oculto e muitas vezes até perdido na Educação Física. (CARVALHO, 2001, p. 11-12).

Ferreira, Castiel e Cardoso (2011) também fazem uma crítica dizendo que tentam a todo momento inculcar na cabeça das pessoas que elas são responsáveis por realizarem atividades físicas para se ter saúde e cita o exemplo do Programa Agita São Paulo, um programa do estado de São Paulo com o apoio do Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul (CELAFISCS), entidade civil sem fins lucrativos. É um programa que visa à promoção da atividade física como sendo promotora da saúde. E afirma que “a mensagem é clara: agitar é a "receita" contra mortes por doenças cardiovasculares. Entretanto, a simplicidade e a barateza da "receita" desempenham duas funções aparentemente paradoxais: atração e constrangimento”. (FERREIRA, CASTIEL e CARDOSO, 2011, p.868). Atraem o poder público pela chance de redução de gastos de tratamento de doenças que são causadas pelo sedentarismo e constroem quem deixa de se exercitar e deixam de adotar hábitos saudáveis.

Coloca o programa como algo que visa à melhoria da saúde das pessoas, mas utilizando de meios não comuns a todas as esferas sociais acerca das atividades que se pode realizar para que se tenha saúde.

Um detalhe, porém, chama atenção nas atividades executadas pela mascote do Agita São Paulo: na prática, não podem ser igualmente realizadas por todos os estratos socioeconômicos. É o caso do passeio com o cachorro e da natação em piscinas, principalmente quando se considera a quase inexistência de piscinas nas escolas públicas brasileiras e a reduzida oferta de vagas nos centros esportivos públicos. O ato de lavar carros também poderia ser apontado como exemplo, sem que se esqueça, porém, que há pessoas que lavam carros para sobreviver e não como forma de lazer. Ações desse tipo também são mostradas no portal do Agita São Paulo na internet. Visando ao aumento do gasto calórico da população, o portal exibe quadros com o Melhorito realizando outras ações nada unânimes aos diferentes estratos socioeconômicos: a abertura manual de portões eletrônicos e a substituição do automóvel pelo ônibus e/ou a caminhada, entre outras. (FERREIRA, CASTIEL e CARDOSO, 2011, p. 868).

Fica evidente que existem divergências nas ideias de como as atividades físicas podem promover saúde ao indivíduo.

No caso das contribuições dos textos para o ensino da saúde na escola, todos os seis apresentam aspectos importantes quanto ao tema. Todos os autores ligados de alguma forma com a Educação e a Educação Física escolar com o ensino da saúde na escola dentro das aulas de Educação Física escolar demonstram elementos que podem auxiliar no trato da saúde nas aulas.

Stephen Goodwin (apud Devide, 1996, p. 45) “afirma que a saúde e a Educação Física, apesar de campos distintos, relacionam-se em muitos caminhos”. Segundo Devide (1996, p. 45), alguns autores apontam que a compreensão da relação entre a Educação Física e a saúde nos remete, obrigatoriamente, à discussão dos conteúdos da Educação Física.

Para isso Devide (1996, p.47) acrescenta que “entender a relação da Educação Física com a saúde, exclusivamente através dos benefícios orgânicos da aptidão física, pode ser encarada como um reducionismo do conceito de saúde e da própria profissão”.

Isse (2011, p. 228), afirma que “ensinar a viver na regra pode significar limitar as possibilidades de vida, e não ampliá-las”. As regras são para ser seguidas, mas se não houver caminhos corretos que podem ser seguidos respeitando as mesmas concepções, esse ensino pode ficar limitado e não formar cidadãos críticos e atuantes na sociedade. Cabe ao professor pegar o que tem de melhor nas propostas curriculares e trabalhar junto com o que os alunos trouxeram de bagagem e realizar um ensino diferente, capaz de chamar a atenção dos alunos.

Segundo Oliveira (2010, p. 535):

Apesar das Propostas Curriculares terem avançado nas últimas décadas no sentido de uma compreensão mais ampla de Saúde, grande parte dos professores permanece com uma visão “ingênua” de suas reais possibilidades e capacidades para atuar como promotores de Saúde em ambiente escolar.

Para Guedes (1999, p. 11), “os conceitos elaborados quanto ao que vem a ser saúde devem ser objeto de cuidadosa reflexão, para que se possa perceber e atuar de forma coerente no sentido de contribuir efetivamente na formação dos educandos”.

Existe a necessidade de insistir em um equilíbrio quanto à abordagem do conjunto de conteúdos em termos teórico e prático nos programas de educação física direcionados à educação para a saúde. Esta conduta, sem dúvida, requer estabelecimento de novo comportamento por parte dos professores, exigindo uma formação de maior consistência acadêmica (GUEDES, 1999, p.14).

Para tanto fica claro que “o trabalho conjunto dos diversos profissionais da saúde deve ter como objetivo "educar" as pessoas a adotar práticas que perfeiçoem a sua saúde e a de sua comunidade, constituindo, com isso, o terceiro princípio que é a educação para a saúde”. (Devide, 1996, p. 48).

Segundo Guedes (1999, p.14), para que a educação para a saúde seja realmente realizada nas aulas de educação física, “existe a necessidade urgente de se processar alterações no enfoque até então apresentado aos programas de Educação Física escolar, fazendo com que as estratégias de ensino sejam conduzidas a segmentos do movimento humano”. Tudo isso não se esquecendo de serem utilizados aspectos que são relacionados à saúde. Assim, seguindo esse raciocínio, “provavelmente, a Educação Física enquanto disciplina do currículo escolar, possa encontrar o seu verdadeiro papel, passando a atuar de forma mais efetiva em nossa sociedade”. (GUEDES, 1999, p. 14).

Para Devide (1996, p.49)

A relação de compromisso da Educação Física com a promoção da saúde pressupõe a reavaliação de seus papéis e compromissos. Sem ter como objetivo principal a obtenção de altos rendimentos e a formação de físicos esportivos, a Educação Física não deve, no entanto, desconsiderar a importância da aptidão física.

E acima de tudo:

A Educação Física compromissada com a promoção da saúde deve, pois, levar os alunos a se exercitar, desenvolvendo, além dos conhecimentos necessários à prática, a consciência de sua importância e de seus benefícios para o seu bem-estar. Além disso, deve possibilitar que os alunos identifiquem os inúmeros fatores que os impedem, muitas vezes, de praticar exercícios regularmente. (DEVIDE, 1996, p. 49).

Ferreira (apud Devide, 1996, p. 48) diz que os conhecimentos transmitidos através da educação para a saúde, seja na escola ou na comunidade, podem fazer com que as pessoas assumam atitudes que levem a uma melhor qualidade de vida, tanto no plano individual como coletivo.

Para Lupton (2003, p. 19):

Quando o aluno chega a 15 ou 16 anos, e atinge os mais altos níveis de aprendizagem nas áreas fundamentais de ensino, dele ou dela se espera capacidade de discutir e entender as posições e sentimentos sociais a respeito de questões controversas como morte e eutanásia, HIV/AIDS, sexualidade e interrupção de gravidez.

No estudo de Silva e Maciel (2009), é perceptível a fala dos alunos e professores onde indicam que as atividades realizadas nas aulas de Educação Física relacionadas à saúde trazem um entendimento mais completo sobre assuntos variados e relacionam vários aspectos

de melhora na saúde que os interessa como: combate ao estresse, promoção da sensação de bem-estar, redução de sintomas depressivos e ansiosos, melhoria da capacidade pulmonar, melhora na postura, combate a obesidade, aumento de flexibilidade e aumento da resistência cardiorrespiratória.

Para tanto, Muotri e Simões (2011, p. 129) afirmam que “se a Educação Física é uma empreitada que visa atender o Homem, não cabe a ela dissecá-lo em vida, separando seu corpo de sua mente ou da sua cultura”.

Ainda relatam que um dos caminhos mais fáceis diante deste processo de formação educadora na sociedade é focado na educação física, principalmente pela facilidade de desenvolvimento social prático através dos esportes, do lúdico, do jogo e das emoções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia teve como objetivos analisar as diferentes formas de trato com a saúde dentro das aulas de Educação Física escolar expressas em artigos da Educação Física.

Foram observadas divergências na produção acadêmica a respeito das concepções de saúde. Para alguns, a saúde vem na forma de aptidão física centrada apenas no biológico e a melhoria do corpo como símbolo de beleza e saúde, para outros, essa questão é de forma mais ampliada resultando em uma saúde que visa o corpo saudável em todos os seus aspectos, relacionando o social, o psicológico e o físico tendo acesso a melhores condições de lazer, transporte, escola, saneamento, alimentação, melhor distribuição de renda, etc.

Considerando os dois lados, este texto demonstra que diferentes ideias são debatidas no campo acadêmico da Educação Física, mesmo que ainda existam poucas obras que tratam do assunto. A saúde na escola deve ser mais pesquisada, tendo em vista que a área acadêmica tem apenas uma pequena parte de textos que fala sobre o assunto.

No que diz respeito às contribuições dos artigos para o ensino da saúde na escola, os autores discutem diferentes concepções de saúde/doença e debatem propostas de ensino sobre saúde na Educação Física escolar e inseri-la no currículo. E ainda tentam compreender as representações do corpo na Educação Física. A forma como a Pedagogia Histórica Crítica e o Coletivo de Autores propõem o ensino nas aulas realizam um diálogo sobre as formas de análise de cada abordagem de ensino para a saúde dentro das aulas de Educação Física escolar.

Pôde-se perceber que há ênfase dos autores em dizer que existem condições de ensinar saúde nas escolas através das aulas de Educação Física, mas, para que isso ocorra, é necessário primeiramente, que haja uma reestruturação nos currículos e nas práticas dessa disciplina. Uma conscientização por parte do professor sobre a necessidade de se estar buscando o aperfeiçoamento para ensinar melhor, estar se qualificando para os novos desafios: debater a saúde enquanto um conceito multifatorial, os conteúdos trabalhados estarem chamando a atenção dos alunos para que eles queiram aprender e levarem a educação para a saúde como forma de promoção dela para além dos muros da escola.

Segundo Devide (1996, p. 49) “tal preocupação com a promoção da saúde não significa que a Educação Física deve deixar de atuar na busca de outros objetivos, mas que apenas assuma um compromisso maior com esse ideário”.

Durante toda a pesquisa percebe-se a busca por respostas aos objetivos propostos dentro deste trabalho: o porquê de não ver o professor falar sobre saúde durante as aulas de

Educação Física realizadas nos estágios da faculdade e o pouco que se vê falar sobre o tema dentro dos textos lidos durante a vida acadêmica. Diante da inquietação, motivo este que foi o que desencadeou a busca por encontrar artigos e estudos relacionados com o tema desta pesquisa, realmente pode-se perceber que ainda existe pouco sobre o assunto.

Este trabalho pode servir de apoio a todos que se empenham na área da Educação Física. Poderá servir de incentivo para aqueles que buscam novos estudos e pesquisas dentro do assunto, para subsidiar a qualidade de ensino do tema saúde na escola.

REFERÊNCIAS

BAGRICHEVSKY, Marcos.; PALMA, Alexandre.; ESTEVÃO, Adriana. A saúde em debate na educação física. Vol 1. 1. ed. Blumenau: Edibes, 2003.

_____. A saúde em debate na educação física. Vol 2. 1. ed. Blumenau: Nova Letra, 2006.

_____. A saúde em debate na educação física. Vol 3. 1. ed. Ilhéus: Editus, 2007.

BAGRICHEVSKY, Marcos.; ESTEVÃO, Adriana. Os sentidos da saúde e a Educação Física: apontamentos preliminares. Arquivos em Movimento. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 65-74, jan./jun. 2005. Disponível em: < <https://revista.eefd.ufrj.br/EEFD/article/view/224>>. Acesso em 14 nov. 2013.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e inclusão. 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=14578%3Aprograma-saude-nas-escolas&Itemid=817>. Acesso em 12 nov. 2013.

CARVALHO, F. B. de. Análise Crítica da Carta Brasileira de Prevenção Integrada na Área da Saúde na Perspectiva da Educação Física Através do Enfoque Radical de Promoção da Saúde. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 227-236, jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902009000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 mai. 2013.

CARVALHO, Yara Maria de. Atividade Física e Saúde: Onde está e Quem é o “Sujeito” da Relação? **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, São Paulo, v. 22, n. 2, jan. 2001. Disponível em <<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/409>>. Acesso em 05 set. 2013.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DEVIDE, Fabiano Pries. Educação física e saúde: em busca de uma orientação para a sua práxis. **Movimento**, Porto Alegre, v.3, n. 5. 1996/2. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2232>>. Acesso em 05 set. 2013.

FALCÃO, Jose Luiz Cirqueira.; SARAIVA, Maria do Carmo. **Práticas Corporais no Contexto Contemporâneo: (In) Tensas Experiências**. Florianópolis: Copiart, 2009. Disponível em <<http://www.esporte.gov.br/arquivos/snelis/esporteLazer/cedes/praticasCorporais/praticasCorporaisContextoContemporaneo.pdf>>. Acesso em 01 mar. 2014.

FERREIRA, Marcos Santos. Aptidão Física e Saúde na Educação Física Escolar: Ampliando o Enfoque. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Rio de Janeiro, v.22, n. 2, jan. 2001. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/411>>. Acesso em 05 set. 2013.

FERREIRA, Marcos Santos; CASTIEL, Luís David; CARDOSO, Maria Helena Cabral de Almeida. Atividade física na perspectiva da Nova Promoção da Saúde: contradições de um programa institucional. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, supl. 1, 2011. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011000700018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10. Nov.2013.

FERREIRA, Marcelo Guina. Crítica a uma proposta de educação física direcionada à promoção da saúde a partir do referencial da sociologia do currículo e da pedagogia crítico-superadora. **Rev. Movimento**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, 1997/2. Disponível em:<<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2364>>. Acesso em 14 nov. 2013.

LAZZAROTTI FILHO, Ari. Et al. O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, jan/mar. 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/9000/7513>>. Acesso em: 12. Mar. 2014.

GASPARIN, João Luiz; PETENUCCI, Maria Cristina. Pedagogia Histórico Crítica: da Teoria a Prática no Contexto Escolar. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2289-8.pdf>>. Acesso em: 19. Mai. 2013.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Et al. Pesquisa qualitativa na educação física brasileira: marco teórico e modos de usar. **R. da Educação Física**. Maringá, v. 21, n. 3, p. 381-410, trim. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/8682/5829>>. Acesso em 11. Nov. 2013.

GUEDES, Dartagnan Pinto. Educação para a saúde mediante programas de Educação Física escolar. **Motriz**, Rio Claro, v. 5, n. 1, jun. 1999. Disponível em:

<http://boletimef.org/biblioteca/2747/Educacao-para-a-saude-em-programas-de-Educacao-Fisica-escolar>. Acesso em 02 mai. 2013.

ISSE, Silvane Fensterseifer. Aula de educação física não é lugar de estudar o corpo!?. **Movimento**. Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 225-237, abr./jun. 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/19868>>. Acesso em 05 set. 2013.

LUPTON, Deborah. “Desenvolvendo-me por inteiro”: cidadania, neoliberalismo e saúde contemporânea no currículo de educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 11-31, set/dez. 2003. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2816>>. Acesso em: 05 set. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-232, jul./set. 1993. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X1993000300002&script=sci_arttext>. Acesso em: 14 nov. 2013.

MUOTRI, Ricardo Willian.; SIMÕES, Antônio Carlos. O homem na sociedade das doenças ou as doenças na sociedade do homem? Qual o papel da educação física neste aspecto? **Motrivivência**, Florianópolis, v.23, n. 37, dez. 2011. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2011v23n37p123>>. Acesso em 05 set. 2013.

PALMA, Alexandre. Educação Física, corpo e saúde: uma reflexão sobre outros “modos de olhar”. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Rio de Janeiro, v.22, n. 2, jan.2001. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/410>>. Acesso em 05 set. 2013.

PINA, Leonardo Docena. Atividade Física e Saúde: Uma Experiência Pedagógica Orientada pela Pedagogia Histórico Crítica. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, ano XX, n. 30, p. 158-168 Jun. 2008. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/issue/view/1270/showToc>>. Acesso em: 19 mai. 2013.

POLI NETO, Paulo; CAPONI, Sandra N.C.. **A medicalização da beleza**. Interface (Botucatu), Botucatu, v. 11, n. 23, dez. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832007000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 13 jun. 2013.

SANTOS, Ana Lúcia Padrão dos; SIMOES, Antonio Carlos. Educação Física e qualidade de vida: reflexões e perspectivas. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 21, n. 1, mar. 2012. Disponível

em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902012000100018&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 13 jun. 2013.

SEGRE, Marco.; FERRAZ, Flavio Carvalho. O conceito de saúde. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, v. 31, n. 5, p. 538-42, out. 1997.

SILVA, Rudney da.; MACIEL, Paola Belezza. Características da Educação Física do Ensino Médio Noturno. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 247-256, abr/jun. 2009. Disponível em:<<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2531/2238>>. Acesso em 05 set. 2013.

SOARES, C. L. **Educação Física: Raízes Europeias e Brasil**. 2. Ed. Revista. Campinas. Autores Associados, 1994.